

A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NA SEXUALIDADE INFANTIL

Aniza Tapia Dall Agnol¹

Palavras-chave: Criança, Sexualidade, Televisão, mídia

1 INTRODUÇÃO

Faz parte de nossas vidas a sexualidade, ela começa a desenvolver-se desde os primórdios da vida, no próprio período intrauterino, e especialmente no decorrer dos primeiros anos de vida, onde nasce a descoberta mais intensa, pois a criança através do toque descobre aos poucos a sua sexualidade. Dessa forma, a criança cresce, se desenvolve e adquire mais conhecimentos sobre o seu corpo, seus sentimentos, suas emoções, no decorrer dos anos.

O ser humano é capaz de interagir ativamente com o meio social, é participativo na formação dos relacionamentos afetivos, naturalmente precisa de amor, aceitação e aconchego. A criança fora do útero materno descobre aos poucos um mundo diferente, cheio de prazeres, e acaba interessando-se, entusiasmando-se para descobrir cada vez mais esse mundo por ela desconhecido. Essa descoberta surge com o próprio toque do corpo, a descoberta do prazer em tocá-lo e descobri-lo. Portanto, a criança a partir de suas vivências desperta a curiosidade sobre a sexualidade a partir da influência do meio.

Segundo Vygotsky apud Palangana (1998), referindo-se à importância do meio sobre o sujeito, entende que os fatores biológicos levam vantagens sobre os sociais, apenas no início da vida, pois as condições e interações humanas particulares é que afetarão o pensamento, as aprendizagens que irão ajudar no seu desenvolvimento seja ele cultural, social, histórico ou sexual. Portanto, são as influências e as interações vividas pela criança em seu meio que vão interferir no desenvolvimento infantil, inclusive a mídia através da televisão.

A mídia, através de programas de televisão influencia as crianças no desenvolvimento sexual. Quanto aos programas infantis, em geral são apresentados por mulheres, tornando fácil para as crianças reconhecerem a função de educar e entreter como uma tarefa essencialmente feminina. As apresentadoras são em geral mulheres bonitas, alegres, sensuais, com roupas insinuantes, o que facilita a criança identificar a menina com o papel feminino, a qual deve usar vestidos, sapatinhos, pulseiras tudo o que possa transformar a sua aparência em feminilidade conduzida pela moda, pelo mercado da televisão. Para os meninos, sua

identificação com o papel masculino vem acompanhada em desenhos, nas competições, nas lutas, onde o vencedor é o mais forte, o mais poderoso, o homem. O que se percebe é certa padronização a erotização dos programas, estimulando precocemente a sexualidade das crianças.

Atualmente percebe-se que a mídia está ocupando ainda mais os espaços familiares e educativos, entre um dos mediadores que estão entre a criança e o conhecimento. A criança e a formação da sua personalidade vêm sendo, muitas vezes influenciados por desenhos animados, programas infantis, as novelas, entre outros. Todas estas questões levantadas nos fazem refletir e pensar seriamente sobre tudo isso, principalmente nos preocupa a forma como a criança e sua sexualidade são tratadas frente à influência da mídia (televisão).

2 DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE SEGUNDO ALGUNS TEÓRICOS

Vários são os conceitos de sexualidade sob diferentes concepções e autores. Para Brandão & Giora (1996) a sexualidade infantil é um conjunto de sensações, prazeres, que se manifestam desde o início da vida. Ela envolve a sensibilidade, a afetividade, o comportamento. As sensações de prazer da descoberta da sexualidade iniciam muito cedo, ainda bebês sentimos na hora de mamar uma sensação prazerosa, quando aprendemos a engatinhar, a andar ou ficar em pé antes de andar, tudo isso nos dá muita sensação de prazer.

Por volta de 2 anos, a criança já está com o sistema motor mais desenvolvido, a criança passa buscar novas sensações, explorando o próprio corpo, assim ela descobre quem ela é, essa ação é imprescindível para o desenvolvimento de sua identidade pessoal. Numa simples brincadeira de fazer cócegas, ela aprende que o toque pode causar alegria e até sofrimento, como aquela falta de ar característica depois de uma boa risada. Essa etapa de descobertas é importante para que, mais tarde, ela desenvolva o autocontrole e identifique seus limites. Conter o riso, fazer cara feia ou mesmo mandar beijos são maneiras de se expressar com o corpo em situações variadas. A criança, nesta fase, vê com as mãos e por isso quer tocar tudo, incluindo também as partes do corpo.

Na faixa etária de 3 a 4 anos a criança já adquiriu certa imagem corporal e começa a despertar para as diferenças do sexo oposto, as curiosidades nesta idade são muito normais.

2.1 A SEXUALIDADE DE ACORDO COM SOUZA, SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE FREUD

De acordo com Brandão & e Giora (1996) sobre as contribuições de Freud quanto ao desenvolvimento psicosssexual a criança possui fases em seu desenvolvimento sexual, desde criança ela inicia momentos dessa maturação. Nos primeiros anos de vida, a criança encontra muito prazer na boca, nesta fase há uma grande satisfação libidinosa em todas as atividades que envolvem a boca, por exemplo: sugar, sorrir, chorar, morder, essa fase é oral. Na faixa etária entre 1 a 3 anos é o período de internalização e educação das normas de controle de esfíncteres, onde a criança sente prazer em produzir fezes e urina, essa etapa da sexualidade é considerada fase anal. Logo após, surge a fase fálica de 3 a 6 anos, esta coincide com a descoberta dos órgãos sexuais, manipulação e prazer neste exercício, das diferenças sexuais e do afloramento da questão edipiana.

Segundo Souza (1997) sobre as contribuições de Freud, nos relata que o livro, Três ensaios a temática abordada, Freud questiona a tese da universalidade e da invariabilidade fundamental da manifestação do instinto, bem como a fragilidade e inconsistência dos critérios que serviam de base para distinguir a normalidade da anormalidade, mostrando que eles eram, ora de natural, moral e social.

Para este mesmo autor constitui-se assim, a descoberta do desejo, na criança como uma passagem da mãe, através do amor, afeto, ao ato de amamentar, desejo este, estabelecido na criança, devido a sua necessidade, logo, cada vez que sentir novas necessidades a criança fará ligação com a “noção psíquica” que procurará reinvestir a imagem anêmica, assim se restabelecendo a situação da primeira satisfação: esta emoção é chamada então, de desejo.

Souza (1997) discute que Freud tem das crianças civilizadas a impressão de que a construção dessas barreiras (contra a sexualidade infantil) é produto da educação, e sem dúvida, as educações tem muito a ver com elas, “pois a sociedade deve assumir como uma das suas mais importantes tarefas educativas dosar e restringir a pulsão sexual...e sujeita-la a uma vontade individual que é idêntica `a ordem da sociedade”. (SOUZA, 1997, p17).

2.2 A SEXUALIDADE INFANTIL SEGUNDO MARTA SUPPLY

De acordo com Suplicy (1983), a sexualidade infantil, precisa ser desenvolvida positivamente desde a infância, para que as crianças tenham mais facilidade para relacionar-se afetivamente com o outro.

O desenvolvimento da capacidade de dar e receber prazer inicia desde cedo quando o bebê brinca com seus órgãos genitais, ele está conhecendo a si mesmo, e inicia com essas ações um processo que põe em funcionamento um processo de estímulo e resposta sexual.

A criança faz suas próprias descobertas, é através da descoberta de seu corpo que ela irá descobrir o corpo do outro, ela precisa se sentir para poder sentir o outro de uma forma harmoniosa e plena.

O prazer proporcionado pelo toque é muito importante para o desenvolvimento sexual da criança, mas muitas vezes essas atitudes não são aceitas, e nem estimuladas pelos pais. É a partir destas descobertas individuais, da troca de carinho entre os pais que a criança irá construir uma sexualidade sem preconceitos. A presença do papel dos pais é muito importante, pois qualquer atitude negativa ou contraditória em relação às descobertas da criança poderá prejudicá-la futuramente, causando problemas sexuais ou conjugais quando adultos.

Ainda para esta autora, quando os pais possuem dificuldades em se relacionarem afetivamente com os filhos, estes podem se tornar adultos com medo da intimidade afetiva. A criança que sofre castigos por expressar sua sexualidade terá uma vida perturbada. Ela precisa de amor, aceitação e aconchego dos pais e das pessoas que compartilham os cuidados do bebê.

Com a ajuda dos pais a criança desenvolve a sua sexualidade de forma positiva, reprimindo alguns preconceitos gerados pela sociedade, cabe aos pais agirem com naturalidade desde as primeiras manifestações da sexualidade na criança. Cada criança tem um tempo e uma percepção e os pais devem respeitar esse tempo e usar o bom senso para responder as perguntas, dúvidas sobre a sexualidade.

Mas muitas vezes o que acontece em relação aos pais é uma certa padronização nos papéis sexuais.

Antes de o bebê nascer, os pais já têm expectativas quanto a sua personalidade e ao seu futuro. Assim tenderão a educá-lo segundo estereótipos, em que o homem deve ser “durão” e a mulher dócil e submissa. Para ambos há profissões, formas de se comportar predeterminadas. Esse tipo de educação também pode gerar comportamentos sexuais preestabelecidos. (SUPLICY, 1990, p.44).

A relação dos pais com a criança é de grande importância desde o início da vida, a criança precisa se sentir amada, tudo o que acontece ao seu redor poderá influenciar em seu desenvolvimento sexual, a criança precisa sentir-se um ser amado para poder mais tarde responder a uma vida sexual sem preconceitos, conflitos.

O estímulo para que os meninos sejam competitivos, agressivos, ambiciosos e autoritários induz a determinado tipo de comportamento sexual. Não é do nada que surgem os namorados e maridos proibidores, possessivos e autoritários. A criação das meninas para serem boazinhas, carinhosas e passivas tende a gerar moças inseguras, que não se percebem autônomas e buscam segurança e identidade na atitude de sempre agradar ao outro, mesmo quando isso as desagrada. (SUPLICY, 1190, p.45).

É preciso rever esses papéis sexuais estereotipados para que as crianças possam viver de acordo com sua identidade sexual.

2.3 A SEXUALIDADE INFANTIL ENQUANTO QUESTÃO CULTURAL

Segundo Laraia (1992) a sexualidade nasce com os seres humanos e a partir das influências do meio social, cultural ela se desenvolve com diferentes atribuições.

A espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente através do dimorfismo sexual, mas é falso que as diferenças de comportamentos existentes entre pessoas de sexos diferentes sejam determinados biologicamente. A antropologia tem demonstrado que muitas atividades às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas às mulheres em uma cultura podem atribuídas aos homens em outra. (LARAIA, 1992, p. 20).

As crianças têm em seu comportamento atribuições herdadas de uma cultura repassada pelos pais. “Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada” (LARAIA, 1992, p.20). Assim os indivíduos se diferenciam um dos outros pela cultura adquirida em seu desenvolvimento, crescimento.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 1992, p. 70).

Para Vygotsky apud Palangana (1989) sobre as histórias dos comportamentos, os caminhos do desenvolvimento se reduzem a dois componentes principais: o desenvolvimento de traços naturais, inatos e o surgimento de novas habilidades, adquiridas no correr da vida de um indivíduo ou seja a cultura adquirida.

No processo de desenvolvimento, a criança não só amadurece, mas também se torna reequipada. É exatamente esse “reequipamento” que causa o maior desenvolvimento e mudança que observamos na criança à medida que se transforma num adulto cultural. (VYGOTSKY apud PALANGANA, 1989, p. 17).

Para Fischer (2000), o desenvolvimento da sexualidade infantil também sofre influências da cultura de uma sociedade. Desde pequenas, as crianças recebem regras impostas pela sociedade e até mesmo pelos pais.

Hoje não temos dúvidas, por exemplo, a respeito de que nem mesmo nossa sexualidade, tradicionalmente atrelada a expressões como vida íntima, privacidade ou segredo, por exemplo, pode ser desvinculada dos sentidos sociais e culturais que lhes são conferidos; ou seja, com outros espaços de nossa vida, também ela é socialmente normalizada, também ela é significada pela cultura. (FISCHER, 2000, p. 20).

Os indivíduos nascem em uma dada sociedade e nessa cultivam e transformam as culturas ali existentes. Cada criança antes mesmo de nascer já sofre influências de cultura, pois ela irá agir de acordo com a cultura de sua família, sociedade, isso já é praticamente automático acontecer. Sua identidade irá também percutir de acordo com a cultura recebida.

[...] devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura não fora delas. Elas são um resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos(dentro deles) [...] é cada vez mais difícil manter a tradicional distinção entre “ interior” e “exterior”, entre o social e o psíquico, quando a cultura intervém. (FISCHER, 2000, p.20).

Segundo Louro (1998, homem e mulher não se constituem em questão de gênero, mas também pela cultura construída desde criança.

A fragilidade da concepção fica evidente quando se contempla a pluralidade de cada um desses pólos: homens e mulheres não se constituem, apenas, por suas identidades de gênero, mas também por suas identidades de classe, raça, de etnia, de sexualidade, nacionalidade, idade... Homens e mulheres são, ao mesmo tempo, muitas “coisas”. (SOUZA, 1998, p.86).

Todo ser humano nasce, cresce e vive num mundo repleto de culturas diferentes, onde ele aprende a se defender de acordo com a sua cultura estabelecida. É essa cultura que irá influenciar em seu desenvolvimento seja ele sexual, social, político.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada sociedade vê a sexualidade com olhos diferente, a sociedade dita regras padrões de feminilidade e masculinidade, portanto as crianças aprendem desde cedo esses padrões. A televisão ajuda a incumbir essa idéia de que existem padrões a cada gênero.

A televisão influencia também no desenvolvimento da sexualidade infantil, através de programas infantis apresentados por mulheres bonitas, bem vestidas, loiras altas, lançando modismos e mostrando que meninas devem ser magras, lindas, usar vestidos. Já os meninos assistem programas de super-heróis, onde o melhor o mais forte sempre vence, e geralmente são meninos que vencem, isso não ocorre somente em programas infantis, mas, também em novelas, pois a criança tem acesso também a programas dirigidos a adultos.

Não se pode negar que a televisão é um meio de comunicação muito importante em nossas vidas, mas não se pode negar também que ela influencia na vida das crianças. Os estereótipos mostrados por ela interferem no desenvolvimento da sexualidade prejudicando até mesmo o futuro, podendo fases de seu desenvolvimento. É preciso que pais, e educadoras, saibam selecionar os programas às crianças, mostrando ou permitindo que a criança tenha um olhar crítico sobre a televisão e as informações que oferece, ou escolher programas e ideias que nela são apresentadas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Cíntia Machado; GIORA, Antonia. **A descoberta de um toque gostoso e inocente.** In : Revista Crescer em Família, n 32. São Paulo: Globo, julho 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Identidade, cultura e mídia:** a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: Século XXI, Qual conhecimento? Qual Currículo? Luiz Heron da Silva (org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PALANGANA, I.C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky:** a relevância social numa perspectiva interacionista. Dissertação de mestrado. PUC, 1989.

SOUZA, Halia P. **Convivendo com seu sexo:** infantil. São Paulo: Paulinas, 1997.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **Sexo é uma coisa natural?** In: Sexualidade na Escola./ Júlio Groppa Aquino (org). São Paulo:Summus, 1997.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.